

## A PRESENÇA DAS PLANTAS NA MITOLOGIA

*Francisco de Assis Florencio (UERJ)*  
[ff017066@gmail.com](mailto:ff017066@gmail.com)

### RESUMO

O nosso trabalho versará, a partir das Metamorfoses de Ovídio, sobre algumas aventuras mitológicas que abrangem deuses, pessoas e plantas. Essas aventuras, na maioria das vezes, envolvem algum tipo de metamorfose oriunda da paixão de um ser divino por outro da mesma essência ou por um ser humano e de um ser humano por outro. Primeiramente, destacaremos a flor conhecida como narciso, que nos traz à memória a paixão de Eco pelo jovem Narciso; em sequência, aparecerão a uva e a hera, presentes na aventura vivida por Baco na ocasião em que foi raptado pelos piratas; em terceiro lugar, teceremos comentários sobre a oliveira, que aparecerá no desafio feito por Aracne à deusa Minerva; por fim, ressaltaremos a mirra e a sua origem mítica: a relação incestuosa entre Mirra e seu pai Cíniras.

**Palavras-chave:**  
Deuses. Mitologia. Plantas.

### 1. Introdução

Antes de adentrarmos na mitologia greco-latina, não podemos nos olvidar de que a religião e a cultura judaico-cristãs também fazem uso abundante das plantas em suas festas e rituais. Embora não seja o mesmo narciso que aparecerá no nosso estudo – já que existem muitos tipos de narcisos – o narciso, no cristianismo, é, por excelência, a flor da Quaresma e, quando misturada ao teixo, torna-se a decoração mais adequada para a Páscoa. A uva, graças ao seu caráter cerimonial, é uma presença constante tanto no judaísmo quanto no cristianismo. Neste, o vinho, produto da videira, passa a representar, na Ceia do Senhor ou Eucaristia, o sangue de Cristo, quer simbolicamente, quer literalmente (transsubstanciação), quer em sua presença mística (Consustanciação). Vemos ainda que Cristo declara que ele é a videira verdadeira e seus discípulos são os galhos. No judaísmo, a videira, juntamente com a figueira, simboliza paz, abundância e prosperidade, sendo também um símbolo do povo de Israel. No cristianismo, a hera simboliza imortalidade e morte, vida eterna e lealdade.

No que concerne à oliveira, grande é o seu valor simbólico, tanto no judaísmo, quanto no cristianismo. Se nos ativermos apenas à narrativa bíblica sobre Noé, perceberemos que a oliveira, em especial a sua folha, simboliza paz. Isso se deve principalmente ao episódio em que a pomba

retorna à arca, trazendo em seu bico uma folha de oliveira, prefigurando não apenas que as águas já haviam baixado, mas também e principalmente que o mundo estava em paz e que a vida se renovaria. O seu emprego para ungir reis e autoridades é enfatizado no Apólogo de Jotão (Juízes 9:8), onde a oliveira é a primeira árvore a ser convidada a se tornar o rei das árvores. Talvez pelo seu abundante emprego nas cerimônias religiosas, a mirra, depois da oliveira, seja a que mais aparece nas Escrituras no simbolismo judaico-cristão. Ela era um dos ingredientes que compunha o óleo sagrado dos judeus e que era utilizado para ungir o Tabernáculo, a Arca, os altares e os vasos sagrados (Êxodo 30:23-25). O simbolismo da mirra, para os cristãos, é bem significativo, pois ela esteve presente no nascimento e na morte de Jesus. Ao nascer, ele recebeu três presentes: ouro, incenso e mirra. O primeiro tipificando sua realeza; o segundo simbolizando a sua divindade; e, o terceiro, a sua humanidade, uma vez que, dos três, ela é a que mais se aproxima da vaidade humana, ou seja, do fato de nos sentirmos bem ou superiores por usarmos um perfume de marca. Depois da morte de Jesus, Nicodemos trouxe uma mistura de mirra e aloés, que foi vertida em panos de linho para envolver o corpo do Salvador.

## **2. *Eco e narciso***

O valor da flor narciso advém da singularidade de sua fragrância, o que a tornou popular não só na fabricação de perfumes, mas também na confecção de coroas e grinaldas florais, sendo, por isso, cultivada para ser vendida em floriculturas. Além de seu valor comercial, essa flor passa, graças aos valores simbólicos a ela acrescentados, a ser usada em vários contextos: mitológico, religioso, literário e artístico, conforme podemos comprovar com os exemplos a seguir.

Na mitologia, o exemplo mais célebre de que se tem conhecimento é o rapto de Proserpina. Diz-se que entre as flores que ela colhia, estava o narciso, que, desde então, passou a ser símbolo da morte, o que é reforçado pelo seu forte perfume, imagem da morte entorpecente. A partir de então, o narciso passou a ser consagrado não apenas à rainha dos infernos, mas também, por grau de parentesco, à sua mãe, a deusa Ceres, e a seu marido Plutão.

Na literatura, o poeta Virgílio vai fazer uso de um dito popular, segundo o qual, no centro da flor, estão as lágrimas de Narciso, como podemos perceber através das palavras proferidas por ele, quando faz re-

ferência às atividades das abelhas: “pars intra septa domorum Narcissi lacrymam, ...”<sup>24</sup> (Geórgicas IV, 158-9).

Os Fados usavam coroas de flores de narciso, cujo cheiro era tão dolorosamente doce que causava loucura, um lembrete de que o narcisismo, o símbolo do egoísmo e da presunção, seria punido no final.

O simbolismo do espelho também está ligado ao mito de Narciso. Isso se deve ao fato de a água ser o primeiro tipo de espelho conhecido pela humanidade, em razão de sua propriedade reflexiva, que leva ao narcisismo e à busca da perfeição, pois quem se vê diante dela, ao encerrar os seus defeitos, tenta, de alguma forma, encobri-los e apresentar-se diante dela mais uma vez, só que sem os defeitos de outrora.

Na pintura, o quadro mais célebre de Narciso foi aquele pintado pelo artista renascentista Caravaggio.

Ao passarmos para a narrativa ovidiana, veremos que o mito de Narciso não existe sozinho, mas é acompanhado, de perto, pelo mito da ninfa Eco. Filha do Ar e da Terra, a ninfa servia à deusa Diana e vivia com suas companheiras nos bosques e nos montes, presidindo os ribeiros e as fontes. Possuía, porém, um defeito que é bastante frequente em nossos dias: falava demais, não deixava o outro se expressar, querendo que a última palavra fosse sempre a sua. Certo dia, a esposa de Júpiter, desconfiada como sempre da infidelidade do marido, saiu à sua procura por entre as ninfas. Eco, preocupada com o flagrante e como se fosse uma advogada, “enrolou” Juno com seus argumentos e, com isso, ajudou as ninfas a fugir. A deusa, ao perceber que havia sido enganada, ficou irada e a condenou a repetir eternamente as últimas sílabas das palavras pronunciadas pela pessoa com quem ela viesse a conversar.

Filho do deus de Cefiso e da ninfa Liríope, Narciso, ao nascer, foi levado ao adivinho Tirésias, que deu a conhecer o seu destino: só chegaria à velhice se nunca visse sua própria face. Quando chegou à juventude, tornou-se tão belo que era desejado não apenas por rapazes e moças, mas também pelas ninfas. Seu coração, porém, era tão duro que as flechas de Cupido não conseguiam atravessá-lo.

Certo dia, Eco vê Narciso a passear nos campos com seus amigos e, sendo no mesmo instante alcançada pela seta de Cupido, resolveu segui-lo. Quanto mais ela o seguia, mas apaixonada ficava. Veio no seu co-

---

<sup>24</sup> “Uma parte (põe), dentro das cercas das casas, a lágrima (as lágrimas) de Narciso.”

ração o desejo de se apresentar e dirigir-lhe a palavra, mas se lembrou de que, devido ao seu castigo, isso não seria possível. O destino pareceu conspirar a seu favor e o jovem, afastando-se, por um instante, de seus companheiros, perguntou: “Há alguém aí?”, ao que ela imediatamente respondeu: “Aí!”. Narciso ficou confuso com a resposta e, querendo saber de quem se tratava, gritou: “Vem”, e logo veio a resposta: “Vem”. Sem saber o que fazer, ele pergunta: “Por que foges de mim?” e, em resposta, ouve suas últimas palavras. Por fim, como ela não aparecesse, ele disse: “Vamos nos encontrar”, ecoando mais uma vez em seus ouvidos as suas últimas palavras.

Vejam agora, no texto de Ovídio, como se dá, finalmente, o encontro entre Eco e Narciso:

*Et verbis favet ipsa suis egres saque silva  
Ibat, ut iniceret sperato brachia collo;  
Ille fugit fugiensque 'manus complexibus aufer! 400  
Ante' ait 'emoriar, quam sit tibi copia nostri';  
Retulit illa nihil nisi 'sit tibi copia nostri!' (OVÍDIO, Met., liber III)*

(“E na tentativa de ajudar suas próprias palavras, saiu do bosque, e já ia lançar os braços ao redor do esperado pescoço (de Narciso); mas ele foge e, ao fugir, diz: ‘Tira tuas mãos do redor do meu pescoço! Pois prefiro morrer a (permitir) que tu tenhas poder sobre mim’; ela nada respondeu, a não ser ‘a (permitir) que tu tenhas poder sobre mim!’”)

Continuando a narrativa, o autor diz que ela fica sem graça e coberta de vergonha por ter sido rejeitada, afasta-se dele e, desde então passou a habitar em cavernas. Contudo, não conseguiu esquecer o belo jovem e, em razão disso, começou a definhar. Tornou-se tão magra que seus ossos ficaram aparentes e, por fim, a única coisa que sobrou foi sua voz. Seus ossos tomaram a forma de rochas e, embora não seja mais vista nas montanhas, pode-se ouvir aí a sua voz, passando, então, a ser esta, a explicação para a origem do eco.

Assim, Salis comenta a atitude da ninfa:

Há aqueles que amam demais a si próprios, sem entregar nada ao outro (isto é o que modernamente se chama de narcisismo), e os que não amam a si próprios, entregando perigosamente sua própria vida no amor. (...) E aquele que tudo entrega também se destrói, pois esquece de guardar para si a chama da vida, que não pode ser dada a ninguém. (SALIS, 2003, p. 134)

Vemos, nas palavras do estudioso, que há, neste mito, dois tipos de pessoas: a primeira, tida como narcisista, comporta-se tal qual Narciso se comportava, achando-se, por isso, o centro das atenções, totalmente

egoísta, relegando o altruísmo a um segundo plano; o segundo tipo, tendo como modelo Eco, é aquele tipo de pessoa que, por não se amar, lança sobre o outro todas as suas expectativas, sentimentos, desejos e carências, ou seja, ama mais ao outro do que a si mesmo, indo, assim, de encontro à máxima bíblica de que devemos “amar o próximo como a nós mesmos” (Marcos 12:33).

Voltando a Narciso, outras tentativas foram feitas pelas divindades atingidas pelas flechas de Cupido, na tentativa de fazê-lo se apaixonar: ninfas tentaram, belos mancebos o cercaram, mas tudo foi em vão. Um dos seus admiradores, porém, inconformado com a rejeição, suplica à deusa Nêmesis – a deusa da retribuição – que faça recair sobre Narciso o mesmo tipo de sentimento que estava no seu peito – amor – sem esquecer, contudo, de que ele nunca pudesse possuir o objeto de seu desejo. As suas orações foram atendidas e um belo dia o jovem, voltando da caça, encontra uma fonte de águas límpidas, transparentes e virgem, pois até então nem homem nem animal algum havia bebido de suas águas. Cansado e sedento, agacha-se para ali saciar a sua sede e depara-se com sua própria imagem. Fato que, para os gregos e outros povos, não era um bom sinal, conforme comentário:

Nós podemos entender agora a razão pela qual havia uma máxima tanto na antiga Índia quanto na antiga Grécia de não se olhar o reflexo de alguém na água, e por que os gregos consideravam isso como um presságio de morte se um homem sonhasse se vendo assim refletido. Eles temiam que os espíritos das águas arrastassem o reflexo da pessoa ou a sua alma para baixo d’água, deixando-a sem alma para morrer. Esta foi provavelmente a origem da estória clássica do belo Narciso, que definiu e morreu ao ver seu reflexo na água<sup>2</sup>. (FRAZER, 1978)

A partir do comentário supracitado, havia dois caminhos a percorrer no que diz respeito às superstições: ou a pessoa, por veneração e temor, seguia a crença popular e saía incólume ou, ao não cumpri-la, corria o risco, assim como aconteceu com Narciso, de arcar com as consequências, quer indiretas – críticas e imprecações por não ter respeitado as de-

---

<sup>25</sup> FRAZER, J. G. THE GOLDEN BOUGH: Taboo and the perils of the soul. “*We can now understand why it was a maxim both in ancient India and ancient Greece not to look at one’s reflection in water, and why the Greeks regarded it as an omen of death if a man dreamed of seeing himself so reflected. They feared that the water-spirits would drag the person’s reflection or soul under water, leaving him soulless to perish. This was probably the origin of classical story of the beautiful Narcissus, who languished and died through seeing his reflection in the water*”. (p. 94).

terminações religiosas e divinas – quer diretas: sofreria as consequências físicas e psicológicas da sua desobediência.

Assim Ovídio descreve o momento em que o efebo se vê:

Adstupet ipse sibi vultuque inmotus eodem  
Haeret, ut e Pario formatum marmore signum;  
Spectat humi positus geminum, sua lumina, sidus 420  
Et dignos Baccho, dignos et Apolline crines  
Inpubesque genas et eburnea colla decusque  
Oris et in niveo mixtum candore ruborem,  
Cunctaque miratur, quibus est mirabilis ipse:  
..... (OVÍDIO, Met., liber III)

(“Ele fica maravilhado consigo mesmo e, sem se mover, fica parado na mesma expressão, como uma estátua feita do mármore de Pário; deitado no chão, vê duas estrelas, a saber, seus próprios olhos e uma cabeleira digna de Baco e de Apolo; (vê) também sua face imberbe, seu pescoço ebúrneo, seu glorioso rosto e o rubor misturado à névea palidez; ele admira todas estas coisas por meio das quais ele mesmo é admirado: ...”)

O estado de torpor que Narciso passa a experimentar depois de ver a própria face tem a ver com a origem de seu nome:

Vale a pena observar a etimologia da palavra “Narciso”, porque ela nos revela muito de sua natureza e essência. Vem do grego *narkissos*, que significa “aquele que foi narcotizado, paralisado”. A palavra “narcótico”, em nossa língua, daí deriva, por ser o narciso um dos mais antigos narcóticos que se conhece, tendo efeito próximo dos extratos retirados da papoula. (SALIS, 2003, p. 132)

As palavras acima nos ajudam a entender que o vocábulo Narciso, oriundo de *narké*, “entorpecimento”, tem valor passivo, pois o jovem, além de ter sido vítima das palavras iradas de um amante rejeitado e do próprio destino, contra o qual, segundo o pensamento grego, não poderia lutar, foi vítima ainda de seu próprio veneno, ao ser hipnotizado, narcotizado pela sua própria beleza. A comparação entre o jovem e uma estátua feita do mármore da ilha de Paros se deve ao fato de este tipo de mármore ser bastante renomado entre os antigos, principalmente pelo seu alto grau de resistência às intempéries da natureza. As cabeleiras das duas divindades também eram célebres entre os antigos, pois ressaltavam a beleza delas, beleza esta também presente nas madeixas de Narciso. A sua formosura também é evidenciada pela sua juventude, pois a pele é viçosa, firme e a navalha ainda não tinha começado a desgastar a pele de seu rosto.

Apaixonado por si mesmo, ele tenta, em vão, beijar os próprios lábios, afunda seus braços na água na tentativa de abraçar aquele nível pescoço e nada; mas abrasado de paixão, não arreda o pé, nem mesmo quando a fome e a sede o atormentam. Dirige-se depois à floresta que o cerca, indagando se, por acaso, ela já havia presenciado alguém sofrer tanto por amor quanto ele. Ao ver, porém, que seus movimentos em direção à sua imagem são os mesmos realizados por esta, conclui, enfim, que é o seu reflexo na água. Após lastimar profundamente o seu destino: não conseguir alcançar o objeto amado, entrega-se ao seu triste fim e começa a gritar: “Ai! Ai!” Embora ressentida, Eco ouve a sua voz e ressoa: “Ai!” Quando ele balbucia: “Ai, rapaz amado em vão”, ouve-se mais uma vez a voz da ninfa; por fim, já nas últimas, a derradeira interjeição é proferida pelo efebo – “Vale!” – Eco, como se quisesse se despedir daquele a quem amava, responde: “Vale!”.

Vejamos o que aconteceu com seu corpo depois que a morte cerrou seus olhos:

(...) *planxere sorores* 505  
*naiides et sectos fratri posuere capillos,*  
*planxerunt dryades; plangentibus adsonat Echo.*  
*lamque rogam quassasque faces feretrumque parabant:*  
*nusquam corpus erat, croceum pro corpore florem*  
*inveniunt foliis médium cingentibus albis. (OVÍDIO, Mit., liber III)*

(“As Náiades, suas irmãs, choraram e ofereceram ao irmão os cabelos cortados; choraram também as Driades; Eco ressoa junto com as que choram. E quando começavam a preparar a pira funerária, as agitadas tochas e o esquife, já não havia nenhum corpo; encontram, no lugar do corpo, uma flor, (cujo) centro é amarelo, com pétalas cingidas de branco.”)

O choro pelos mortos é algo natural para nós hoje em dia, mas outras práticas, bastante comum entre os antigos, parece-nos estranho como, por exemplo, cortar e arrancar o cabelo, conforme fizeram as Náiades. Essa prática era comum entre os gregos e servia para demonstrar dor e tristeza pela perda de um ente querido. Durante as honras fúnebres de Pátroco, Aquiles, como sinal de luto e tristeza, corta seu cabelo: “... antes de ter posto Pátroco na pira, de ter lhe elevado um túmulo e de ter lhe cortado o meu cabelo, visto que luto como este não sobrevirá ao meu coração...” (Ilíada, III, 45-7).

Após a metamorfose, fica fácil identificar em que tipo de flor o jovem se transformou:

Das cerca de cinquenta espécies de narciso, é geralmente o chamado narciso do poeta, *Narcissus poeticus*, que é identificado com o narciso sobre o qual os gregos e os romanos escrevem. Sua flor branca, destacada por uma corola amarela de bordas vermelhas, emerge de uma única haste na primavera. (GIESECKE, 2014)<sup>3</sup>

Por meio das palavras de Giesecke, vemos que há uma correspondência quase perfeita entre a descrição feita por ela e a do mito: ela emprega a palavra “flor” para se referir ao todo que, nas palavras do poeta latino, corresponde às partes, às “folhas”, às “pétalas”, ou seja, a parte branca do Narciso poético. Ao que o poeta chama de “centro” da flor, a ciência chama de *corolla*, “pequena coroa”, que, no caso da flor em questão, é amarela com bordas vermelhas, sendo este último detalhe omitido pelo poeta.

### 3. *A uva e a hera: Baco e os piratas*

A uva sempre esteve ligada ao culto do deus do vinho, Baco. A frase “*In vino veritas*” traz-nos à lembrança o estado em que vai se encontrar a pessoa que exagera neste liquor sagrado. Muitas pessoas usam uma máscara, interpretam o seu “*modus vivendi*” cotidianamente. Essa máscara, porém, cai por terra tão logo a bebida consagrada a Dioniso é ingerida. Além de ser um escape de que o homem faz uso para se libertar das amarras e dos fardos que lhe são impostos pela sociedade e, muitas vezes, pelo destino, o vinho servia e serve ainda para aliviar o ser humano de suas dores e sofrimentos. A hera é outra planta também dedicada ao deus do vinho e, nos festivais dionisíacos, seus adoradores eram coroados com ela: os homens usavam arranjos de folhas de hera e de violeta e as mulheres carregavam grinaldas e cordões de folhas de hera.

Filho de Zeus e da princesa Sêmele, Dioniso, para os gregos e Baco, para os romanos, passou a sua fase gestacional na coxa de seu pai, pois sua mãe morreu antes de lhe dar à luz; após o seu nascimento, foi levado para a ilha de Creta, a fim de ali ser criado; jovem, partiu de barco para a Grécia continental, de onde se encaminhou para o monte Olimpo, morada de seu pai e dos outros deuses. Foi durante este trajeto que o deus

---

<sup>26</sup> GIESECKE, Annete. *The Mythology of Plants: Botanical Lore from Ancient Greece and Rome*. Los Angeles: J. Paul Getty Trust Publications, 2014. “Of the fifty or so species of narcissus, it is generally the so-called poet’s narcissus, *Narcissus poeticus*, that is identified with the that the greeks and romans write about. Its white flower, set off by a yellow, red-edged corolla, emerges from a single stem in spring.” (p. 99).



do vinho foi capturado por piratas, os quais pensavam em pedir um resgate pela sua vida. Em vez disso, eles foram castigados por terem tentado enganar o inebriante deus.

Vejamos agora como se dá o encontro dos piratas com Baco:

*“adsumus en” inquit sociorum primus Opheltes, 605*  
*Utque putat, praedam deserto nactus in agro,*  
*virginea puerum ducit per litora forma.*  
*ille mero somnoque gravis titubare videtur*  
*vixque sequi; specto cultum faciemque gradumque:*  
*nil ibi, quod credi posset mortale, videbam. 610*  
*et sensi et dixi sociis: “quod numen in isto*  
*corpore sit, dubito; sed corpore numen in istoest!*  
*quisquis es, o faveas nostrisque laboribus adsis;*  
*his quoque des veniam!” (OVIDIO, *Mit.*, liber III)*

(“‘Estamos aqui’, disse Ofeltes, o principal dos companheiros (da tripulação), e, como pensa, leva pela praia uma presa (um náufrago), encontrado num campo deserto: um jovem com feições femininas. Este, pesado por causa do vinho e do sono, parece cambalear e seguir (caminhar) com dificuldade; observo sua roupa, sua face e seu passo. Eu percebia que não havia nada ali que se pudesse crer mortal. Ao sentir isto, disse aos meus companheiros: ‘Não sei que divindade está neste corpo; mas com certeza há uma divindade neste corpo! Quem quer que tu sejas, sejas favorável para conosco e assiste-nos em nossas dificuldades! Que tu concedas perdão a estes (homens)!’”)

Ovídio, na pessoa do capitão Acetes, narra o momento em que ele e seus companheiros encontraram, no litoral de Quios, um jovem misterioso. Sem perceber quem era, levam-no cativo para dentro de seu navio. Antes, porém, algumas características físicas, comportamentais e divinas sinalizaram que aquele *puer* era uma divindade: primeiro, o seu lado andrógino, ou seja, era um rapaz, mas com formas femininas, o que, com certeza, não só chamou a atenção de todos, mas também despertou o desejo dos homens; o seu andar cambaleante, trôpego, sonolento, influência, segundo o narrador, do vinho, sua bebida por excelência; em seguida, percebe-se que há no jovem um quê de teofânico e, em razão disso, são-lhes dirigidas preces e súplicas e pedidos de perdão por não tê-lo tratado com o devido respeito e reverência.

Apesar das palavras acima, não há consenso entre os marinheiros sobre a divindade e esta é, por fim, levada a bordo. No navio, ela é enganada pelos marinheiros e a rota anteriormente traçada para levar o deus ao seu destino é alterada, despertando, assim, a sua ira. Ele então resolve dar uma lição nos nautas, transformando-os em aves e golfinhos, com exceção de Acetes, em razão de este não ter concordado com as más in-

tenções de seus companheiros. Além das metamorfoses dos humanos, há ainda transformações envolvendo a videira e a hera:

inpediunthederæ remos nexuque recurvo  
serpunt et gravidis distinguunt vela corymbis. 665  
ipseracemiferis frontem circumdatus uvis  
pampineis agit at velat amfrondibus hastam;  
quem circa tigres simulacra que inania lyncum  
pictarum que iacent fera corpora pantherarum. (OVÍDIO, liber III)

(“As heras se retorcem e, com brotos tortuosos, agarram-se aos remos e, com o peso de seus ramos, cobrem as velas. Ele (Baco), tendo a fronte cingida por folhas de uvas que se ramificam, agita uma lança coberta com folhas de videira; ao redor dele se encontram tigres, as imagens sem mancha dos lincos e os ferozes corpos das panteras malhadas.”)

Por fim, aparecem as plantas que simbolizam e são consagradas ao deus do vinho. A primeira, a hera, sob seu comando, como se ganhasse vida, começa a se mover, vai em direção aos remos e agarra-se a eles, paralisando-os. Em seguida, segue o seu caminho até chegar às velas do navio. Pela descrição, parece que estamos diante de um navio fantasma, que há muito fora abandonado pela sua tripulação e que, em razão disso, está coberto por plantas aquáticas. Já no corpo do deus, aparece a sua planta favorita e, circundando a sua frente, o coro-a como o deus do vinho.

Ao falar da videira e de Baco, Skinner assim se pronuncia: “Quando falamos de videira, comumente queremos dizer a que produz uvas: a árvore que dá vida, cujas folhas coroavam Baco e cujo espírito enchia sua velha pele pecaminosa.”<sup>27</sup> O autor, como vemos, segue a mitologia greco-latina, que apresenta Baco como o criador da videira e, por isso, ela o acompanham na forma de coroa. Percebe-se ainda, em sua fala, uma maneira cristã de enxergar o mundo, já que inclui em seus comentários o determinante “pecaminosa”.

O mesmo autor, ao comentar o vocábulo “hera” (ivy, em inglês), diz-nos que, após ter nascido da coxa de Júpiter, Baco foi escondido pelas ninfas em um arbusto de hera e como o nome desta planta, em grego, *ékissos*, ele, quando criança, era conhecido por este nome. Ainda, segundo ele, uma tradição helênica apresenta *Kissos* como um filho de Baco, que teria morrido subitamente enquanto dançava em frente ao seu pai. Ve-

---

<sup>27</sup> SKINNER, Charles M. Myths and legends of flowers, trees, fruits and plants. “when we speak of vine. we commonly mean that which produces grapes: the life-giving tree whose leaves crowned Bacchus and whose spirit filled his sinful old skin.” (p. 45).

mos, assim, que o vínculo entre esta planta e a divindade vai muito além do simbolismo, mas tem também um liame etimológico e cerimonial, uma vez que o deus quase sempre é representado com uma coroa de folhas de hera e de videira, bem como tem o seu thyrsus (bastão) coroado com hera.

#### 4. *A oliveira: Minerva e Aracne*

Levada da Assíria para a ilha de Creta, a oliveira logo se adaptou ao clima do Mediterrâneo e se espalhou por toda a Grécia, chegando, por fim, a Roma. Assim a História descreve a trajetória da oliveira do oriente para o ocidente, trajetória esta cujo sucesso se deve principalmente a grande variedade de usos e empregos na medicina, na biologia, na religião e na beleza. O mito a ser apresentado também vai trazer à lembrança a grande variedade de empregos que esta planta possuía e possui nas áreas citadas acima. A sua madeira era bastante usada em construções e esculturas, em especial na fabricação de batentes de portas e estatuária. Na medicina, graças ao seu poder adstringente e detergente, as folhas da oliveira eram empregadas no tratamento de úlceras, cefaleia e doenças oculares. Não poderíamos deixar de falar, é claro, no seu vasto uso na culinária, desde a antiguidade até os nossos dias: o azeite serve tanto como tempero, quanto como um meio de cozinhar todo tipo de alimento e como cobertura para pães. Vale ressaltar que nos Jogos Olímpicos os vencedores eram coroados com folhas de oliveira.

Passemos agora à narrativa ovidiana. Segundo ele, Aracne era uma grande tecelã e bordadeira que, graças ao seu talento, era por todos admirada. Tornou-se presunçosa e esquecia-se de prestar as devidas honras, respeito e adoração à deusa criadora de sua arte: Minerva. Certo dia, esta, disfarçada de uma anciã, visita a tecelã e a aconselha a prestar as devidas reverências à deusa, reconhecendo, assim, a sua superioridade sobre qualquer mortal, inclusive sobre a célebre tecelã. Esta não aceita os conselhos da sábia anciã e diz que se a deusa é tão boa assim que venha a competir com ela e mostre perante todos o seu engenho. Acrescenta ainda que, se perder, arcará, sem medo, com as consequências. Minerva não aguenta tamanha afronta e se revela. A bordadeira, de início, se assusta, mas não volta atrás no seu desafio e imediatamente a peleja se inicia. Vejamos como Ovídio descreve o trabalho de cada uma:

stare deum pelagi longoque ferire tridente      75  
áspera saxa facit, medioque e vulnere saxi

exsiluisse fretum, quo pignore vindicet urbem;  
at sibi dat clipeum, dat acutae cuspidis hastam,  
dat galeam capiti, defenditur aegide pectus,  
percussamque sua simulat de cuspide terram 80  
edere cum bacis fetum canentis olivae;  
mirarique deos: operis Victoria finis.  
ut tamen exemplis intellegat aemula laudis,  
quod pretium speret pro tam furialibus ausis  
quattuor in partes certamina quattuor addit, 85  
clara colore suo, brevibus distincta sigillis:  
..... (OVÍDIO, liber VI)

(“Ela borda o deus do mar de péa ferir, com seu longo tridente, os duros rochedos e, no meio da fenda do rochedo, ele faz fluir água salgada, a fim de que reivindique para si a cidade; mas para si (ela) faz um escudo, uma lança de ponta aguda e, para a cabeça, um capacete; o peito é protegido por uma couraça; e simula que a terra, atingida por sua lança, produz um broto de oliveira acinzentada com frutos; fazendo com que os deuses fiquem maravilhosos e a vitória é o fim da obra. Assim, para que sua rival de honra pudesse entender por meio dos exemplos qual seria a recompensa que a esperava por tão impensada ousadia, ela acrescenta (tece), nas quatro partes, quatro combates, nítidos quanto à sua própria cor e desenhados em miniaturas.”)

Eis aí o quadro que a deusa da sabedoria teceu. Vale ressaltar que a versão de Ovídio não faz menção ao fato de Netuno ter criado o cavalo neste momento. Esta segunda versão, porém, é bastante conhecida e retratada em muitas pinturas, sendo ainda comprovada pelas palavras do grande mestre Junito Brandão: “Segundo uma variante, na disputa com Atená pelo domínio da Ática, o deus teria feito sair da terra um cavalo e não uma fonte.”<sup>28</sup> Em seguida, Minerva começa a se desenhar e a sua descrição vem ao encontro da descrição clássica que sempre a apresenta com sua armadura e seu elmo. Ao atingir o solo com sua lança, dá origem à oliveira. A dádiva concedida por ela ao povo cecrópio seria, com certeza, muito mais útil do que aquele dado por Netuno, pois muitas são as suas utilidades: o seu fruto poderia ser usado como alimento; o óleo deste como tempero e como remédio; as suas folhas eram usadas como adstringentes e detergentes no tratamento de úlceras, dor de cabeça etc.; a sua madeira era utilizada em construções e na confecção de esculturas.

Os desenhos feitos por Minerva no seu tecido retratam, na verdade, situações em que seres humanos – levados pela presunção – são castigados pelas divindades por terem se deixado levar pelo orgulho, vaticinando, assim, o que viria a acontecer com a atrevida Aracne.

---

<sup>28</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume I. Petrópolis: VOZES, 1986, p. 324.

Já, das hábeis mãos de Aracne, saíam desenhos que retratavam os abusos cometidos pelos deuses – em especial Júpiter – contra os humanos, bem como os seus defeitos. Concluída a sua tela, Minerva pôde contemplar não apenas o belo trabalho executado pela tecelã, mas pôde também se ver refletida nas imagens dos vícios e dos atos reprováveis dos deuses. Sentindo-se ofendida, vai com toda fúria para cima da tecelã e, com sua espada, atinge a cabeça de Aracne. Esta, assustada com a atitude da deusa e, sentindo-se menosprezada, enforca-se. A deusa dela se compadece e diz-lhe que de agora em diante ela passará a viver daquele jeito, ou seja, pendurada. Dito isto, transformou-a no inseto que passou a carregar não apenas seu nome, mas também as suas habilidades de tecer o fio, a saber, a aranha.

### 5. *Mirra e Cíniras*

A mirra, em latim *commiphora myrrha*, é oriunda do sul da Arábia, onde se localizam hoje Omã e Iêmen. A sua raiz vem do árabe *murr*, que significa “amargo”, o que, provavelmente, se deve ao seu sabor amargo. Ainda que já fosse conhecida pelos gregos, a fama e as inúmeras aplicações da mirra só se espalharam pelo ocidente graças aos escritos de Teofrasto, que acompanhou Alexandre na tentativa deste de conquistar o Império Persa. Graças ao seu forte aroma e fragrância, a mirra tornou-se um produto valioso e muito requisitado, sendo, por isso, levada para várias partes do mundo, inclusive Grécia e Roma. No século II, com a conquista da Arábia por Roma, o comércio de perfumes, em especial da fragrância oriunda da mirra, chegou ao seu apogeu, facilitado, é claro, pela sua disseminação por toda a România.

Muitos são e foram os empregos desta árvore. Primeiramente, ela foi indicada na medicina para tratar de hemorroidas, falência renal e doenças oriundas do aparelho digestivo etc. Como cosmético, a mirra é indicada para limpeza de pele, bem como para combater pele seca; quanto ao cabelo, era usada para escurecê-lo e estimular seu crescimento; servia ainda para perfumar cabelo, roupa e mobiliário. Na religião, seu emprego também era abundante tanto em honra aos deuses quanto aos homens em seus funerais. Os primeiros eram honrados quando o cheiro agradável da mirra chegava até eles no momento em que ela era queimada como incenso; ela também era usada como incenso na casa de alguém quando este recebia convidados em sua casa; por fim, perfumava as piras funerárias e era empregada também para ungir o corpo dos cadáveres.

No que concerne à mitologia, a mirra possui duas versões bastante parecidas. A primeira diz que uma bela jovem chamada Esmirna, filha do rei assírio Teias, embora fosse cortejada por inúmeros jovens, a nenhum entregava seu coração, fato que veio a desgostar a deusa do amor e da sedução: Afrodite. Esta, sentindo-se desonrada, fez com que a jovem se apaixonasse perdidamente pelo próprio pai. A segunda versão é aquela narrada por Ovídio e sobre a qual nos debruçaremos aqui. Segundo o poeta romano, Cíniras, rei de Chipre, tinha uma filha que se chamava Mirra. A sua mãe dizia a quem quisesse ouvir que a sua filha era mais bela que a própria Afrodite. Em resposta, a deusa resolve punir a jovem e põe, em seu coração, um tipo de amor que violava a lei dos deuses e dos homens. O rei desejava dar-lhe em casamento, mas ela rejeitava a todos os pretendentes, ainda que fossem ricos e valorosos. Isso ocorria porque o seu coração, seus sentimentos e desejos já tinham um dono. Esse amor, porém, ia de encontro à lei dos homens e dos deuses, já que ela estava apaixonada pelo próprio pai. Como não pudesse consumir o seu ato libidinoso, ela passou a apresentar os sintomas de amor – aqueles citados por Safo e Catulo. O monarca, achando que fosse algo próprio de uma virgem na sua idade, perguntou-lhe que tipo de marido ela desejava, ao que ela lhe respondeu que gostaria de casar com alguém parecido com ele, resposta esta não compreendida pelo pai. Não podendo mais conter o desejo que a sufocava, passa a pensar em como fazer para seduzir seu pai. Ajudada pela dama, consegue, enfim, colocar em prática o seu plano. Vamos a ele:

*ter pedis offensi signo est revocata, ter omen  
funereus bubo letali carmine fecit:  
it tamen, et tenebrae minuunt noxque atra pudorem;  
nutricisque manum laeva tenet, altera motu 455  
caecum iter explorat. thalami iam limina tangit,  
iamque fores aperit, iam ducitur intus: atilli  
poplite succiduo genua intremuere, fugitque  
et color et sanguis, animusque relinquit euntem.  
quoque suo propior sceleri est, magis horret, et ausi 460  
paenitet, et vellet non cognita posse reverti.  
cunctantem longaeva manu deducit et alto  
admotam lecto cum traderet "accipe", dixit,  
"ista tua est, Cinyra" devotaque corpora iunxit.  
accipit obsceno genitor sua visceralecto (OVÍDIO, liber X)*

("Por três vezes ela foi chamada a voltar por aqueles sinais de ofensa, por três vezes, uma coruja, com um canto letal, entoou um presságio funéreo. Segue em frente, porém, e as atrozes trevas da noite diminuem seu pudor; coma mão esquerda, segura a mão da sua ama e, com o tatear da outra, explora o cego caminho. Ela já toca o limiar do quarto. Logo a porta se abrirá, logo ela será conduzida para dentro do quarto. Com as juntas flexionadas, seus joelhos co-

meçam a tremer e fogem dela a cor e o sangue, e a coragem a deixa. Quanto mais ela se aproxima de seu crime, mais apavorada fica e mais se arrepende de sua ousadia; gostaria de poder retornar ao desconhecido. A ama toma, pela mão esquerda, a hesitante e depois de colocá-la próxima ao nobre leito, disse: ‘Toma-a, Cíntiras, ela é tua’ e uniu os infelizes corpos. No leito obscuro, o genitor possuiu o corpo dela.”)

Vemos, na passagem acima, que vários sinais foram dados para que a nefasta união não se concretizasse. O número três, presente não apenas na cultura greco-latina, mas também na cultura judaico-cristã, é um número cabalístico, cujo simbolismo se prende à natureza do universo, ao seu perfeito equilíbrio e cuja quebra triangular gera uma confusão no Cosmos e seu desequilíbrio. Assim, a natureza, em sua perfeita harmonia, tenta, por três vezes, avisar a Mirra do perigo que estava por vir, caso ela levasse adiante seu plano funesto. Ela, porém, com a ajuda da noite, que a tudo encobre, e com o apoio de sua ama, não lhe dá ouvidos e segue adiante. Ao adentrar no quarto, contudo, vem um friozinho na barriga, suas pernas se tornam bambas e vem, por instante, em seu pensamento, uma vontade de voltar atrás, pois lembra de que está indo ao encontro de seu pai. O medo e o arrependimento parecem tomá-la, mas a dama não a deixa recuar e a leva até a beira da cama do rei. Ali chegando, a serva, de posse da palavra, dirige-se ao soberano e entrega-lhe a donzela. Ele a recebe no leito e a toma como mulher e – como ocorreu com Eros e Psiquê – não viu o rosto com quem estava se deitando.

Aquela não foi a única noite em que dormiram juntos, outras se sucederam, até que ela ficou grávida. Saciado o seu desejo, o rei quis, enfim, saber quem era aquela jovem com quem praticava amor todas as noites. Para tanto, mandou trazer uma vela ao seu aposento e, quando a jovem chegou, pôde, finalmente, descobrir com quem se deitava. Ficou tão horrorizado que puxou da espada para atacá-la. Mirra, ao perceber suas intenções, não só foge do quarto do rei, mas também de seu reino. Passa a vagar por muitas terras, até que se passam nove meses e ela chega à terra dos sabeus, onde percebe que está próximo o dia do parto. Não aguentando mais caminhar e fugir, desiste da vida que leva e suplica aos deuses que não a deixem viver nem morrer, mas que mudem a sua forma.

Os deuses dão ouvido às suas preces e a metamorfose se inicia:

*Numen confessis aliquod patet: ultima certe  
vota suos habuere deos. nam crura loquentis  
terra supervenit, ruptosque obliqua per ungues* 490  
*porrigitur radix, longi firmamina trunci,  
ossaque robur agunt, mediaque manente medulla  
sanguis it in sucos, in magnos brachia ramos,*

*in parvos digiti, duratur cortice pellis.  
iamque gravem crescens uterum perstrinxerat arbor 495  
pectoraque obruerat collumque operire parabat:  
non tulit illa moram venientique obvia ligno  
subsedit mersitque suos in cortice vultus.  
quae quamquam amisit veteres cum corpore sensus,  
flet tamen, et tepidae manant ex arbore guttae. 500  
est honor et lacrimis, stillataque cortice murra  
nomen erile tenet nulloque tacebitur aevo. (Ovídio, liber X)*

(“Há sempre uma divindade acessível aos que confessam: com certeza, suas últimas preces chegaram aos seus deuses. Porque a terra cobre as pernas da que fala e uma raiz, que sustenta o longo tronco, se estende lateralmente através de suas unhas fendidas; e os ossos transformam-se em madeira; permanecendo a medula no meio, o sangue se transforma em sucos, os braços se convertem em grandes galhos e os dedos em pequenos; a pele é endurecida pela casca. A árvore, crescendo, já apertava o útero carregado, cobria o peito e preparava-se para ocultar o pescoço. Ela não aguentou a demora e, indo ao encontro da árvore que estava vindo, mergulhou seu rosto na casca. Embora ela tivesse perdido, juntamente com o corpo, seus antigos sentidos, contudo ainda chora, e gotas mornas escorrem da árvore. A sua honra está nas lágrimas e a mirra, destilada da casca, mantém o nome de sua senhora e em tempo algum será esquecida (passará em silêncio).”)

Após a sua transformação, o autor dá explicações mitológicas para algumas características da árvore. A primeira é o fato de escoar de sua casca uma resina de cheiro adocicado, que, segundo Ovídio, são as lágrimas da filha de Círiros, pranteando sua triste sina. A segunda diz respeito ao fato de a árvore ter sido batizada com o nome da infeliz princesa, o que, com certeza, lhe confere um caráter “amargo” e “melancólico”.

Por fim, já metamorfoseada, ela não podia chamar por ajuda e nem dar à luz ao seu filho. Fez uso, porém, de um recurso que chamou a atenção de Lucíola, a deusa do parto: passou a produzir uma grande quantidade de resina, fato que despertou a atenção da deusa. Esta imediatamente se dirige à árvore; sua casca se rompe e dela sai um lindo menino, cujo nome será Adônis, que é amparado pela deusa e entregue às Náiades, que o banham com as lágrimas, ou melhor, com o óleo que saía da Mirra.

## **6. Conclusão**

Este trabalho é “uma gota d’água no oceano” do muito que ainda há de ser estudado sobre a relação entre as divindades e as plantas. Essa relação se dá em todas as religiões, cultos e mistérios. Isso ocorre, com



certeza, graças ao pensamento primitivo do homem de que as plantas, além dos seus poderes terapêuticos, possuíam também poderes “que vão além da nossa vã filosofia”. Entre os gregos e os romanos, a presença delas, como vimos, é uma tentativa de se explicar como se dão as metamorfoses e transformações pelas quais passam os seres humanos e os deuses. Assim, no caso de Eco e Narciso, o primeiro exemplo chama a atenção para o perigo de se falar demais ou de se falar sem medir as palavras; já quanto a Narciso, percebe-se que o perigo está em se achar autossuficiente, ou seja, ele se achava tão lindo que era incapaz de amar outra pessoa a não ser a si mesmo. No caso da videira, o seu fruto, a uva, e o seu néctar, o vinho, continuam a fazer parte da história da humanidade, quer como uma bebida que alegra a vida e leva o homem a um estado de espírito prazeroso e, muitas vezes, extático, quer como uma fruta saborosa que traz prazer ao paladar; quanto ao seu valor místico e cerimonial, percebemos que esta planta perpassa a história das religiões: indo do politeísmo greco-latino ao monoteísmo judaico-cristão; a hera até hoje é usada não só para decorar jardins e muros, mas também na fabricação de guirlandas. A oliveira, quanto ao seu legado, tornou-se bastante conhecida graças ao seu fruto e ao produto deste. O emprego da azeitona na culinária se deve, primeiramente, ao seu agradável sabor e também à sua capacidade de servir de acompanhamento a vários tipos de pratos; já o azeite, desde os primórdios da civilização greco-latina, é tão significativo na culinária que, em nossos dias, há um número incontável de marcas de azeites. As propriedades medicinais da mirra são bastante conhecidas em nossos dias: fortalecer as gengivas, hidratar e rejuvenescer a pele etc.; o seu chá é indicado para combater as bactérias da boca e para tonificar as gengivas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Almeida Corrigida Revisada e Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume I. Petrópolis: VOZES, 1986.

FOLKARD, Richard Jun. *Plant Lore, Legends and Lyrics: embracing the myths, traditions, superstitions, and folk-lore of plant kingdom*. London: Sampson Low, 1884.

FRAZER, J. G. *THE GOLDEN BOUGH: Taboo and the perils of the soul*. V. 3. New York: Cambridge University Press, 2012.

GIESECKE, Annete. *The Mythology of Plants: Botanical Lore from Ancient Greece and Rome*. Los Angeles: J. Paul Getty Trust Publications, 2014.

HOMERO. ILÍADA. Online: disponível na internet via <http://livrosnegratis.net/iliada-homero/>

NEVES, Orlando. *Dicionário de nomes próprios*. Portugal: Oficina do Livro, 2002.

P. OVIDIVS NASO. *METAMORPHOSES*. Online: disponível na internet via [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com)

P. VERGILIMARONISGEORGICONLIBERQVARTVS Online: disponível na internet via [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com)

RAPIN, René. *A Latin Poem in Four Books*. Translated by Mr. Gardiner. London: Bernard Lintot, 1728.

SALIS, Viktor D. *MITOLOGIA VIVA: Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*: São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. de Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SKINNER, Charles M. *Myths and Legends of flowers, trees, fruits and plants*. Philadelphia: J. B. LIPPINCOTT COMPANY, 1911.

SKINNER, Marilyn B. *Sexuality in greek and roman culture*. 2<sup>nd</sup> edition. UK: John Wiley & Sons, Inc., 2014.